

REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 22 – Número 43 – Jun / 2021

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

HERMENÊUTICA DOS LIVROS PROFÉTICOS: O OLHAR DO PROFETA PARA O PASSADO, PARA O PRESENTE E PARA O FUTURO

Me. Rafael Blume Pereira de Almeida

HERMENÊUTICA DOS LIVROS PROFÉTICOS: O OLHAR DO PROFETA PARA O PASSADO, PARA O PRESENTE E PARA O FUTURO

Hermeneutics of Prophetic Books: the prophet's look at the past, present and future

Me. Rafael Blume Pereira de Almeida¹

¹ Mestre em Teologia Profissional pela FABAPAR, na linha de pesquisa Leitura e Ensino da Bíblia, sob a orientação da Professora Dra. Marivet Z. Kunz. E-mail: rafaelblume@gmail.com

RESUMO

Trata-se da análise do sentido das profecias bíblicas, avaliando a dinâmica do profetismo, observando como o profeta tinha uma visão para o passado, tendo a Lei como referência, uma visão para o presente, observando a condição presente do povo de Deus e uma visão para o futuro, anunciando as consequências futuras, de bênção ou maldição, consolo ou juízo. O interesse deste artigo encontrasse na busca de responder a seguinte questão: como as profecias devem ser interpretadas a luz do ponto de vista do profeta? Escolhemos o conceito de contexto onde do profeta e de sua profecia como ponto de sustentação do sentido. Levamos em consideração os seguintes autores e teóricos: Sicre Dias (2016), Bruce Waltke (2015), William M. Klein (2017), Walter Kaiser Jr. (2009), Hélder Cardim (2017), Gordon Fee (2011), Roy Zuck (1994) e Grant Osborne (2009). Evidenciamos o ponto de vista dos profetas como ponto de partida na leitura das profecias. Temos a hipótese de que, o profeta analisava a situação presente do povo de Deus a luz da Lei que havia sido entregue no passado para anunciar o que Deus iria fazer no futuro.

Palavras-chave: Proféticos. Hermenêutica. Leitura. Contexto.

ABSTRACT

It is about analyzing the meaning of biblical prophecies, evaluating the dynamics of prophetism, observing how the prophet had a vision for the past, having the Law as a reference, a vision for the present, observing the present condition of the people of God and a vision for the future, heralding to future consequences, of blessing or curse, consolation or judgment. The interest of this article found in the search to answer the following question: how should prophecies be interpreted in the li-

ght of the prophet's point of view? We chose the concept of context where the prophet and his prophecy as a point of support for the meaning. We take into account the following authors and theorists: Sicre Dias (2016), Bruce Waltke (2015), William M. Klein (2017), Walter Kaiser Jr. (2009), Hélder Cardim (2017), Gordon Fee (2011), Roy Zuck (1994) and Grant Osborne (2009). We evidenced the point of view of the prophets as a starting point in the reading of the prophecies. We hypothesize that the prophet analyzed the present situation of God's people in light of the Law that had been delivered in the past to announce what God would do in the future.

Keywords: Prophetic. Hermeneutics. Reading. Context.

INTRODUÇÃO

A interpretação de textos proféticos é uma dos grandes desafios da hermenêutica bíblica. Fee advoga que os livros proféticos “estão entre as partes mais difíceis da Bíblia a serem interpretadas ou lidas com entendimento”.² Assim, a compreensão adequada sobre a função e a forma da profecia se faz prementemente necessário para a devida interpretação dos textos proféticos.

O presente artigo, então, discute a questão do sentido dos textos proféticos, levando em consideração o contexto do profeta e a função e a forma da profecia. Assim, avaliando a dinâmica do profetismo, observando como o profeta tinha uma visão para o passado, tendo a Lei como referência, uma visão para o presente, observando a condição presente do povo de Deus e uma visão para o futuro, anunciando as consequências futuras, de bênção ou maldição, consolo ou juízo e responder: como as profecias devem ser interpretadas a luz do ponto de vista do profeta?

E, neste artigo, é interesse evidenciar a interferência do

2 FEE, 2011, p. 2018.

contexto na leitura dos profetas. Temos a hipótese de que, o profeta tinha uma visão do passado, uma visão do presente e uma visão do futuro. Perceber esses três pontos de vista são necessários para compreender as profecias bíblicas.

1. O PROFETISMO BÍBLICO

A bíblia é repleta de escritos proféticos, são 16 livros proféticos no Antigo Testamento. Livros designados como proféticos são os livros que têm a maior quantidade de livros individualmente no Antigo Testamento. Os livros proféticos estão divididos entre profetas maiores e menores, sendo 4 profetas maiores (Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel) e 12 profetas menores (Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias). Os profetas canônicos, ou seja, aqueles cujas suas profecias fazem parte do cânon bíblicos, teve seu apogeu em um período de apenas três séculos, entre os anos de 760 a 460 a.C., entre Amós e Malaquias. A diferenciação entre profetas maiores e menores se faz basicamente em função da quantidade de escritos, diferenciando entre os curtos e os mais longos e não, em função do grau de importância.³

A concentração de registros proféticos em período concentrado da história se dá em função de um período muito peculiar do povo de Israel. Segundo Fee, esse momento histórico, com a falência da monarquia e do sacerdócio, foi necessário a mediação especial do cumprimento da aliança e o registro desta mediação para as gerações subsequentes.⁴ O motivo desta especial mediação, segundo Fee se dá em função de três motivos:

(1) Transtornos políticos, militares, econômicos e sociais sem precedentes; (2) um nível enorme de infidelidade religiosa de desrespeito para com a aliança mosaica original; e (3) mudanças das populações e das fronteiras nacionais, incluindo

3 FEE, 2011, p. 217.

4 FEE, 2011, p. 217.

enormes mudanças no equilíbrio do poder, no cenário internacional.⁵

Assim, Deus levantou os profetas para anunciar a sua Palavra nas mais diversas situações que o povo de Deus atravessava neste período conturbado da história de Israel. Deus escolhe o meio profético para forçar Israel a ouvir a sua palavra.⁶

No entanto o profetismo tem seu início muito antes do período onde se concentram os profetas canônicos. O livro de Gêneses, em seu tempo, já apresentava Abraão como um profeta (Gn 20.7), Moisés foi o profeta por que Deus entregou a sua Lei (Os 12.14); Miriã era chamada de profetiza no livro de Êxodo (15.20). Durante o deserto houveram setenta anciãos que foram cheios do Espírito Santo e profetizaram (Nm 11.16-29).⁷ Abrão, como analisa Díaz, ao interceder pelo povo aparece como modelo do que deve ser um verdadeiro profeta. Díaz ainda cita Miriã, entoando o cântico de vitória, como um modelo da relação dos profetas com os fatos históricos e políticos. Os setenta anciãos representam a fonte do ministério profético bíblico. Moisés, ainda segundo Díaz é um caso à parte, pois mostra o profeta como um homem de ação e de libertação, ainda como alguém que ouve instruções diretamente de Deus (Nm 12.1-6) e assim se torna um mediador entre Deus e os homens (Dt 18.9-20).⁸ Uma vez que a visão profética acontece, desde um período primitivo de Israel, Díaz salienta que a manifestação do profetismo é anterior ao contato de Israel com os cananeus, evento posterior.⁹

O profetismo se manifesta ainda na continuação da história de Israel, no período dos Juízes. Entre eles tem-se a profetiza Débora, Samuel e os grupos proféticos. Débora, por sua vez (Jz 4 e 5), é apresentada como profetiza (Jz 4.4) entregando um oráculo a Baraque, tendo forte influência nas decisões po-

5 FEE, 2011, p. 218.

6 OSBORNE, 2009, p. 330.

7 DÍAZ, 2016, p. 149.

8 DÍAZ, 2016, p. 150.

9 DÍAZ, 2016, p. 150.

líticas e profunda manifestação através das músicas. Samuel é um personagem bíblicos com muitas facetas: juiz, vidente, mediador entre Deus e o povo, e entre Deus e a corte. Responsável pela instituição da monarquia. Neste sentido, Samuel apresenta o traço do profetismo como intervenção na política, ungindo tanto Saul, como Davi a rei, tradição que se repete, a partir dele, como nos casos de Natã e Salomão (1Rs 1.11ss) e Elias e Jeú (1Rs 19.16). No entanto, em Samuel encontra-se outro traço importante da tradição profética, a denúncia ao Rei. Samuel se levanta para enfrentar a Saul em seus desvios, primeiramente na batalha de Macmas e em seguida na guerra contra os amalequitas. Samuel se torna paradigma do ministério profético em Israel. A aprecem ainda neste período os grupos proféticos (1Sm 10.5-13 e 19.18-24) porém, faltam dados para compreender devidamente que são e como funcionavam, sabe-se muito pouco a respeito deles.¹⁰

208

Um terceiro estágio do profetismo de Israel se dá no momento da monarquia. Neste período, o profetismo aparece em três distintos movimentos classificados por Díaz em função de sua proximidade com a corte real.¹¹ A primeira etapa seria a definida como proximidade física e distanciamento crítico em relação ao monarca. Profetas desta etapa seriam Gad e Natã, que tiveram grande proximidade com o monarca, porém interviam com críticas, exortações e enfrentamentos ao rei. É importante notar que estes profetas nunca se dirigem ao povo, somente ao rei. A segunda etapa se dá pela distância física entre o profeta e o rei, porém com intervenção profética em seu governo, como Aías que não vivia na corte do Rei nem próximo ao rei mas sai ao encontro do rei para no caminho lhe entregar oráculos (1Rs 11.29-39 e 14.1-8) ou Miqueis (1Rs 22). Acab manda chamar Miqueis no entanto foi preciso mandar busca-lo (2Rs 22.4). Uma terceira etapa se caracteriza pelo distanciamento da corte e aproximação ao povo.

¹⁰ DÍAZ, 2016, p. 151-153.

¹¹ DÍAZ, 2016, p. 153-154.

Nesta etapa encontra-se Elias e Eliseu cujo ministério profético ministrou diretamente a vida do povo, como nos casos da viúva de Serepta, da sunamita, da multiplicação dos pães. Em contra partida Elias e Eliseu não mantinham relações cordiais e nem interesse pela corte. Elias nunca pisa no palácio de Acab mas somente se encontrava com o rei em lugares e diante do povo.¹²

Segundo Osborne, há três precursores dos profetas: Moisés, Samuel e Elias.¹³ Moisés seria “o manancial da tradição profética”, como um porta voz de Deus e mediador entre Deus e o povo (Nm 12.6-8). Samuel é o “modelo do papel profético” por ter sido o ponto de progressão em os juízes e a monarquia com a definição do papel do profeta nessa nova configuração. O profeta se posiciona na monarquia como aquele responsável por manter a nação fiel a Deus. Elias por sua vez, modelou o profetismo de Israel com “o curso dos profetas clássicos”, levantando-se contra a idolatria, sincretismo, e se tornando o pioneiro dos “acusadores da aliança”, umas das principais tarefas históricas dos profetas de Israel.¹⁴

209

A partir deste momento, na história de Israel começam a aparecer os profetas canônico e um momento áureo na história do profetismo. Em primeiro lugar tem-se o século VIII, o século de ouro da profecia, onde em um breve espaço de tempo, cerca de meio século, surgem vários profetas de grande porte como Amós, Oséias, Isaías e Miqueias.¹⁵ A idade de ouro é seguida por um período de silêncio profético de cerca de setenta e cinco anos, em parte devido ao reinado violento de Manassés contra os profetas (2Rs 21.16) entre os anos 698-643 a.C. Tendo então a manifestação dos profetas Naum na primeira século VII e de Sofonias, Habacuque e Jeremias na segunda metade do século VII.¹⁶ Com a chegada do exílio tem-se a manifestação de Jere-

12 DÍAZ, 2016, p. 153-155.

13 OSBORNE, 2009, p. 331.

14 OSBORNE, 2009, p. 331.

15 DÍAZ, 2016, p. 159.

16 DÍAZ, 2016, p. 214-219.

mias e Ezequiel e a profecia pós exílica ou os anos de da restauração com Ageu, Zacarias e por fim no século V¹⁷, tem-se o fim da profecia com Joel e Malaquias e suas promessas de restauração plena de Israel.¹⁸

No entanto o profetismo não é exclusividade de religião hebraica, no entanto outros povos tinham manifestações proféticas, por vezes similares as que aconteciam em Israel. A busca pela vontade de Deus, como comenta Waltke é “característica inata ao ser humano”.¹⁹ Waltke continua afirmando que “pessoas simples sabem que Deus existe” e tem entendimento inato de ética e moral. A própria Bíblia mostra como outros povos buscavam a vontade de Deus. Uma das maneira é de lançar sortes. Waltke usa a própria bíblia para apresentar algumas formas que os pagão usavam para adivinhar a vontade de Deus.²⁰ Entre as maneiras que é encontrada na bíblia está o de lançar sortes, como no caso da escolha de Matias como apóstolo, ou como de Jonas (1.7) ao lançar pedras na busca de encontrar informações ocultas sobre a vontade de Deus. Na bíblia é encontrada a prática da *hepatoscopia*, estudo do fígado, a *rubdomancia*, uso de varas ou flechas como sinal do Senhor (Ez 21.21). Outro método usado na antiguidade que encontramos na Bíblia é a consulta aos ídolos do lar, condenada nas Escrituras (Lv 19.4; Is 44.9-10; Os 4.12; 2Co 6.16; Dt 32.17; 1Co 10.20; 1Ts 1.9; 1Jo 5.21). Outras formas ainda encontradas na Bíblia é a astrologia (Jr 10.2-3; 2Rs 17.16). Astrologia era uma prática muito comum na antiguidade especialmente no mundo helenista, o imperador Tibério tomava suas decisões baseadas com seu horóscopo. Ainda havia a prática da *hidromancia*, arte de ler a sorte por meio da água, vista em Gênesis 44.5 ou até mesmo falar com espíritos, rejeitada veementemente pela Palavra de Deus (Lv 19.26,31; Dt 18.10-12; 2Rs

17 DÍAZ, 2016, p. 288-289.

18 DÍAZ, 2016, p. 318.

19 WALTKE, 2015, p. 31-32.

20 WALTKE, 2015, p. 38-48.

17.17; Is 8.19).²¹

O Antigo Testamento a prática de buscar a direção de Deus era oferecida ao povo por meio de certos instrumentos o qual o autor preferiu chamar de divinação para diferenciar da adivinhação pagã. Waltke apresenta seis maneiras que Deus escolheu para revelar a sua vontade no Antigo Testamento.²² A primeira foi por meio dos profetas, onde uma pessoa podia se dirigir caso precisasse de uma orientação para uma situação específica. Os profetas tiveram papel canônico mas seu ministério também envolvia predição, exortação e eram reformadores, enfatizando a volta a Lei e denunciando o desvio dela e suas consequências. Em outra mão eram intercessores do povo diante de Deus. No novo testamento este ofício está ligado aos apóstolos, homens que Deus escolheu e usou para trazer instruções específicas a seu povo. A segunda maneira era o Urim e Tumim, que ficavam na estola do sacerdote, usados para identificar a vontade de Deus. Eram duas pedras, uma branca e outra preta que trariam a resposta sim ou não a uma questão específica (Êx 28.30; 1Sm 28.6). Porém o Urim e o Tumim parecem ter entrado em desuso depois do início do período da monarquia de Israel e com a instituição do ministério profético. O terceiro método foi o de lançar a sorte, como em Josué 18:6 onde a terra foi dividida entre as tribos usando esta técnica de divinação. Porém há muitas outras vezes que foram utilizadas no Antigo Testamento (Na 3.10; 1Sm 10; 1Cr 24) inclusive é encontrada uma vez, ainda no Novo Testamento em Atos 1.26 antes da decida do Espírito Santo na escolha de Matias.²³

A quarta maneira era através de sonhos, como dado a José, Gideão e a Daniel. Waltke faz uma observação, que apesar de não devermos estar em busca destas informações, Deus ainda pode falar desta maneira ainda hoje. A quinta maneira é por

21 WALTKE, 2015, p. 38-48.

22 WALTKE, 2015, p. 49.

23 WALTKE, 2015, p. 49-56.

meio de sinais, como fez enviando fogo do céu (Jz 6.15-22), falando por meio de sarça ardente (1Sm 14.9ss), em resposta a oração de Gideão sobre o orvalho na porção de lã em Juizes 6. Waltke argumenta que os apóstolos nunca usaram algo semelhante como uma porção de lã, antes viveram guiados através de uma relação pessoal com o Espírito Santo. E a sexta maneira que Deus usou foi por meio de palavras, falando diretamente a ou através de seus anjos a Abraão, Moisés, Gideão, Balaão, Manoá, Davi, Elias e Ezequiel. Waltke mais uma vez acredita que Deus ainda pode falar assim nos dias de hoje, porém estas experiências não devem ser vistas a pé de igualdade com as Escrituras uma vez que é possíveis de deturpar a mensagem e confundir em seu coração.²⁴

O profetismo bíblico se torna tão importante para o povo de Israel, segundo Osborne em função da crítica que eles faziam aos desvios da sociedade; dos oráculos de salvação e restauração de fortaleciam a esperança do povo; de ser um modelo de vida completamente dedicado a Deus; e da literatura profética registrando as denúncias, condenações, e palavras de salvação registradas e incorporadas na tradição de Israel.²⁵

2. O GÊNERO PROFÉTICO

A profecia bíblica é um gênero literário amplo, com diferentes formas. Kaiser apresenta a percepção limitada que a maioria das pessoas tem a respeito da profecia bíblica: “muitos ligam a palavra profecia ‘a ideia de futurologia’”.²⁶ Mas os profetas era acima de tudo “proclamadores” da Palavra de Deus, exortando o povo a deixar de resistir a vontade de Deus, ainda que haja elementos de predições do futuro em sua proclamação. Fee, por sua vez, argumenta que a maioria das pessoas associa os livros proféticos com a predição acerca da vinda do messias e

24 WALTKE, 2015 p. 56-68.

25 OSBORNE, 2009, p. 331.

26 KAISER, 2009, p. 135.

que esse concepção é errônea pois, segundo Fee,

menos de 2 por cento da profecia do Antigos testamento é messiânica e menos de 5 por cento especificamente descreve a era da nova aliança; menos de 1 por cento diz respeito a eventos ainda vindouros em nossa época.²⁷

Para Fee, os profetas anunciam o futuro, mas anunciavam um futuro imediato de Israel, Judá e outras nações. Assim a maioria da interpretação da profecias da bíblia são interpretadas olhando para trás, observando o seu cumprimento histórico.²⁸ Fee concorda com Kaiser ao afirmar que a função primária dos profetas era de entregar a Palavra de Deus, Deus falava através dos profetas. Neste sentido os profetas era mais do que faziam predições do futuro mas porta-vozes de Deus. Entender essa característica dos livros proféticos, segundo Fee “esclarece a maior parte dos problemas que as pessoas têm em entender o sentido dos livros proféticos do Antigo testamento”.²⁹

Os livros proféticos não eram livros para serem lidos de uma só vez, antes eram coletânea de oráculos³⁰ falados ao longo da vida do profeta em diferentes contextos e sem sequência cronológica.³¹ Assim, na leitura de um livro profético, deve-se pensar em oráculos, identificá-los como uma unidade de pensamento.³²

O gênero literário profético se torna especialmente desafiador uma vez que os profetas usaram diferentes formas para compor seus oráculos. Entre as formas encontradas tem-se o discurso de julgamento, profecia de benção ou libertação, oráculo de aflição, ações simbólicas, oráculos legais, discurso de controvérsia, canto profético, poesia, pensamento sapiencial e

27 FEE, 2011, p. 218.

28 FEE, 2011, p. 218-219.

29 FEE, 2011, p. 219.

30 CARDIM, 2017, p. 183.

31 FEE, 2011, p. 219.

32 FEE, 2011, p. 219.

apocalíptica.³³ O discurso de julgamento é a forma mais básica usada para composição dos oráculos, estruturada, normalmente, com uma seção introdutória que comissiona o profeta, em seguida uma seção detalhando a acusação, então a formulação do mensageiro (“assim diz o Senhor”) e a predição de desastre. A profecia de benção ou oráculo de salvação tem característica parecidas com o tipo anterior porém finalizando com uma mensagem de salvação e restauração baseada na misericórdia de Deus. O oráculo de aflição era um mecanismo particular para pronunciar um desastre iminente.³⁴ Ações simbólicas, como a quebra de um vaso (Jr 18.1-18) e o profeta que anda seminu (Is 20) eram formas marcantes de entregar a mensagem profética de forma ilustrada e parabólica. Oráculos de julgamento são aqueles que usam uma forma literária chamado “processo jurídico”, tendo a lei de Moisés como base. Deus é tratado como o Juiz, promotor, oficial de justiça ou demandante e Israel o réu em um processo jurídico como o oráculo de Isaías capítulo 2.³⁵ O discurso de controvérsia é uma forma profética que usa as palavras das pessoas contra elas mesmas como encontrado em Isaías capítulo 28 (Is 28.14-19), normalmente organizada em uma formulação introdutória, em seguida a citação dos oponentes e pôr fim a denúncia de seus erros e a intervenção de Deus. O canto profético era usado normalmente no modelo de canto fúnebre, como se a nação já fosse um cadáver a caminho do sepultamento.³⁶

A poesia é usada com riqueza nas diferentes formas de poesia ao longo dos profetas. Assim, nos profetas há cânticos, lamentos, hinos de adoração, hinos de ação de graças, quiasmas, paralelismo, entre outros recursos poéticos.³⁷ Assim também existe o usos da forma de sabedoria em seus oráculos, os profetas usam e escrevem, por vezes, em declarações sapienciais

33 OSBORNE, 2009, p. 342-345.

34 OSBORNE, 2009, p. 342-345.

35 FEE, 2009, p. 233-235.

36 OSBORNE, 2009, p. 345.

37 OSBORNE, 2009, p. 345.

populares. Osborne apresenta o movimento profético e o sapiencial como “fenômenos paralelos” nas Escrituras.³⁸

Por fim, tem-se a apocalíptica. Zuck apresenta quatro características da forma apocalípticas: o primeiro seria visões descritas em detalhes; a segunda característica seria o uso de símbolos, a terceira era a presença de anjos nas visões, inclusive interpretando as visões para o profeta; e em quarto a mensagem fala de um futuro distante.³⁹ Já Osborne apresenta sete características: comunicação reveladora; mediação angelical, ciclos de discurso, discurso éticos, simbolismo esotéricos, relato histórico e pseudomínia.⁴⁰

Zuck reforça ainda a constatação que o gênero profético é é recheada de linguagem figurada.⁴¹ Assim, linguagem figurada não deve ser lida de maneira literal, mas figuradamente. Cardim reforça ao afirmar que tipos, símbolos e parábolas, ainda afirma que a literatura poética, especialmente a apocalíptica usa terminologia cósmica em sua mensagem.⁴² Assim, identificar as figuras de linguagem, é tarefa fundamental para compreender as profecias.⁴³

3. O PONTO DE VISTA DO PROFETA: PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Assim, ler os livros proféticos como se fossem predições de eventos distantes dos seus autores, como se a preocupação principal dos profetas fosse preannunciar aquilo que está por vir é um uso inadequado, limitado e seletivo dos livros proféticos.⁴⁴ “Não era a tarefa primária dos profetas predizerem o futuro”.⁴⁵

38 OSBORNE, 2009, p. 345.

39 ZUCK, 1994, p. 280.

40 OSBORNE, 2009, p. 352-358.

41 ZUCK, 1994, p. 279-282.

42 CARDIM, 2017, p. 186.

43 CARDIM, 2017, p. 194.

44 OSBORNE, 2009, p. 338.

45 FEE, 2009, p. 239.

Ainda que os profetas realmente anuncie o futuro, a chave para entender os profetas é olhar para o papel que o profeta estava exercendo naquele momento histórico.⁴⁶

O sentido exato de um texto está diretamente ligado à conexão do texto com seu contexto. Este é um princípio básico da hermenêutica, um texto retirado de seu contexto será levado a conclusões diferentes daquela pretendida pelo autor. “O sentido pretendido para qualquer passagem é aquele que é coerente com o sentido do contexto literário do qual faz parte”.⁴⁷ O contexto literário leva em consideração o material que vem antes e depois do texto em análise. Assim, palavras só têm sentido definido, uma frase só tem sentido específico se comparado com as frases anteriores e posteriores, um parágrafo deve ser analisado pelo conjunto de parágrafos que vem imediatamente antes e imediatamente depois, uma capítulo deve ser analisado entre os capítulos imediatamente antes e depois além de que todo o documento em questão serve de contexto dominante para o texto em questão.

No entanto, Fee apresenta que um dos grandes desafios para o entendimento das profecias é o distanciamento histórico.⁴⁸ A mensagem profética parece misteriosa e obscura para os leitores de nosso tempo, porém leitores/ouvintes era clara, uma vez que tratava do momento histórico em questão e elementos próprios de seus tempo eram usados nos discurso. Temos um distanciamento cultural, religioso, histórico em relação ao Israel do Antigo Testamento o que dificulta entender sobre ‘o que’ e ‘por que’ constante das mensagens dos profetas.⁴⁹

Voltando à função histórica dos profetas ele eram mediadores de para fazer cumprir a vontade de Deus. A lei era a aliança feita entre Deus e seu povo, segundo os padrões de tratados

46 FEE, 2009, p. 218.

47 KLEIN, 2017, p. 365.

48 FEE, 2009, p. 220.

49 OSBORNE, 2009, p. 349.

de suserania de seu tempo, contento tanto privilégios (bênçãos) quanto sanções (maldições). E Deus havia estabelecido com clareza na Lei quais as promessas de benção, pela obediência, quanto as promessas de maldição caso o povo não guardasse a Lei. A benção que seriam derramadas sobre Israel são claramente anunciadas em textos da aliança como em Levítico 26.1-13, Deuteronômio 4.32-40 e 28.1-14. As leitura destas benção são acompanhadas de uma advertência à obediência, e caso a lei não fosse guardada as benção cessariam. Em consequência a desobediência haveriam também maldições que são encontradas especialmente em textos como os de Levíticos 26.14-39, Deuteronômio 4.15-28 e 28.15-32.42.⁵⁰

Os profetas eram aqueles que Deus havia levantado para denunciar o desvio Lei e anunciar as maldições que a Lei prescrevia a eles. Como comenta Fee, “os profetas não inventaram as bênçãos ou as maldições que proclamavam”.⁵¹ Eles proclamavam a Lei de modo “novo” e “cativante”, de forma a inspirada pelo próprio Deus as palavras que já estavam na Lei. Fee ainda acrescenta que se um estudante da bíblia se dedicar a estudar os capítulos de Levítico 26, Deuteronômio 4 e Deuteronômio 28-32, ele terá como “recompensa uma compreensão muito melhor da razão” e significado das palavras dos profetas. Neste textos a benção estava ligada a vida, saúde, prosperidade, abundancia agrícola, respeito e segurança, e as profecias se encaixam nesses elementos enquanto que as maldições estavam ligadas a morte, doença, seca, perigo, destruição, derrota, deportação e vergonha, onde também estão enquadradas as mensagens dos profetas. Assim Fee conclui que os livros proféticos de maneira geral apresentam esses dois elementos: a identificação do pecado do povo ou do amor de Deus por seu povo ou seja do contexto histórico em seu tempo e em seguida uma predição das maldição ou benção em função do contexto a luz da Lei. Ou seja, “a mensagem

⁵⁰ FEE, 2011, p. 220-221.

⁵¹ FEE, 2011, p. 221.

não é original”.⁵²

O anuncio da benção e maldições, no entanto não eram palavra de homens, ou somente a leitura do profetas mas era a palavra do próprio Deus. Deus levantou os profetas para anunciar seus julgamentos ao povo. Um profeta que entregasse uma palavra que Deus não havia dado era considerado, pela própria lei como um falso profeta (Jr 14.14; 23.21). Daí a formulação do mensageiro, “assim diz o Senhor” que frequentemente se encontram nos oráculos dos profetas. Os profetas faziam uma leitura inspirada da Lei, tendo uma visão precisa do cumprimento das bênçãos e maldições para o povo. Ele mais que anunciava as consequência pela simples leitura da Lei, mas a maneira que Deus cumpriria a sua Lei. Assim como as predições dos profetas eram inspiradas elas não ficavam limitadas àquilo que já estava escrito no Pentateuco”.⁵³

218

Fica evidente três elementos temporais na mensagem do profeta. O profeta tem um olhar acurado do seu tempo PRESENTE, na análise das circunstância que vivia o povo, seus pecados e injustiças, sua posição como povo da aliança e sua fidelidade ou infidelidade em relação aos seus termos. O profeta tinha uma visão do PASSADO, na Lei de Deus, na aliança que Deus tinha firmado com seu povo, seus termos, seus estatutos, seus pactos. O profeta era um homem da Lei, que tinha consciência do pacto estabelecido com Deus e suas condições, suas promessas de benção e também de maldições. O profeta era um homem com visão para o FUTURO, observando, segundo a inspiração de Deus, o cumprimento das bênçãos e sanções provenientes da lei, anunciadas por Deus, através do profeta a seu povo, como visto, em forma, muitas vezes, de um processo jurídico onde o povo de Israel é o Réu.

Quanto a visão do profeta ao futuro, existe, como relatado por Fee, um desejo nos leitores modernos de encontrar re-

52 FEE, 2011, p. 221-222.

53 FEE, 2011, p. 223-226.

ferências messiânicas nos textos.⁵⁴ No entanto, a maioria das profecias bíblicas tem seu cumprimento nos tempos do Antigo Testamento. Texto como Gogue e Magogue (Ez 38 e 39) ou o nascimento virginal (Is 8.3) tem cumprimento no Antigo Testamento. Levar a interpretações diretamente a fatos do Novo Testamento é desconsiderar o contexto, a intensão, o estilo e a redação dos textos. No entanto algumas coisas dos textos profético tem seu cumprimento no futuro e parecem estar ligados com os que tiveram seus cumprimentos no passado, o que é desafiador a interpretação.⁵⁵

Quanto a visão do futuro dos profetas é preciso perceber que autores do Novo Testamento faz menção a passagens do Antigo Testamento que não parecem referir-se àquilo que o Novo Testamento interpreta. Passagens que pareciam ter significado específico e claro nos textos do Antigo Testamento parecem receber nova interpretação pelo escritor do Novo Testamento.⁵⁶ Mateus dá um novo significado ao texto do nascimento virginal, Paulo dá um novo significado a Rocha de Refidim (1Co 10.4). Mateus vê o cumprimento do nascimento virginal em Jesus e Paulo vê a Rocha como sendo o próprio Cristo. “Esse segundo sentido é comumente chamado de *sensus plenior* (o sentido mais plano)”. Tipo de interpretação ou alegoria que têm características proféticas, aceitas pelos autores canônicos inspirados mas não autorizada para leitores não inspirados e não canônicos. “Simplesmente não somos leitores inspirados das Escrituras”. “*Sensus Plenus* é uma função da inspiração e não da iluminação”.⁵⁷ No entanto, Osborne prefere o uso da expressão cumprimento tipológico para descrever esse cumprimento profético visto pelos autores do Novo Testamento, além de apontar para um cumprimento progressivo das profecias bíblicas.⁵⁸

54 FEE, 2011, p. 240-241.

55 FEE, 2011, p. 241; OSBORNE, 2009, p. 339.

56 OSBORNE, 2009, p. 339.

57 FEE, 2011, p. 242.

58 OSBORNE, 2009, p. 340.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os profetas não tem apenas um olhar para o futuro, como comumente entendido pelos leitores da bíblia. Os profetas tinham uma função muito maior do que olhar para o futuro. Antes os profetas tinha um olhar para o presente, para o passado e para o futuro.

O profeta era chamado primeiramente para olhar para o presente. Os profetas, como guardiões da aliança, exortavam o povo a permanecer na Lei, denunciando seus desvios, pecados e injustiças. Os profetas observavam o contexto espiritual, religioso e político de seu tempo e se levantavam para denunciar a realza, os juízes, os sacerdotes e o povo. O profeta eram como um vigia de Lei com os olhos fixos no seu tempo. Sendo assim o estudo contextual é elemento fundamental para compreender os oráculos. Estudar o contexto histórico, político, geográfico, cultural presente no tempo e no texto dos profetas.⁵⁹

Em seguida os profetas tinham os olhos fixos no passado, na Lei. Como guardiões da Lei, os profetas conheciam a Aliança e liam o presente a partir das lentes do passado, do Pentateuco, da Lei. Nesse sentido os profetas eram intérpretes e pregadores. Lendo, interpretando e aplicando a lei, entregue no passado para o povo do seu tempo.⁶⁰

E por fim, o profeta tinha um olho no futuro, anunciando de maneira inspirada por Deus as bênçãos e maldições prometidas na Lei de forma precisa, apresentando e aplicando de maneira precisa e revelada o que Deus fará ao povo em função de sua posição diante da Aliança e sua obediência ou desobediência à Lei de Deus.⁶¹

Sendo assim, o profeta não é apenas um homem que faz prenúncios, tendo visões do que Deus fará no futuro. Mas para

59 OSBORNE, 2009, p. 335.

60 OSBORNE, 2009, p. 336.

61 OSBORNE, 2009, p. 340.

compreender adequadamente os livros proféticos é preciso pesquisar e entender o olhar que o profeta tinha do presente, em seu contexto; do passado, em sua ligação com a Lei; e do futuro em sua aplicação inspirada de como Deus iria aplicar a Lei em seu povo e nas demais nações.

REFERÊNCIAS

CARDIN, Hélder. **Curso vida nova de teologia**: hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2017.

DÍAZ, José Luis Sicre. **Introdução ao profetismo bíblico**. Tradução de Dentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2016.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que Lês?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GUSSO, Antônio Renato. **Como entender a Bíblia**: orientações práticas para a interpretação correta das Escrituras Sagradas. Curitiba: ADSantos, 1998

KAISER, Walter C.; SILVA, Moisés. **Introdução à hermenêutica bíblica**. Tradução de Paulo C. N. dos Santos, Tarcísio J. F. de Carvalho e Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

KLEIN, William W.; HUBBARD Jr., Robert L.; BLOMBERG, Craig L. **Introdução à interpretação bíblica**. Tradução Maurício Bezerra Santos Silva. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. Tradução de Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes e Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

WALTKE, Bruce. **Buscar a vontade de Deus**: uma ideia cristã ou pagã. Tradução de Haroldo Janzen. São Paulo: Vida Nova, 2015.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica**: meios para descobrir a verdade Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 1994.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons

Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional